

RUAS DE VITÓRIA

Duque de Caxias mistura velho e o novo no Centro

Muitos capixabas desconhecem a história das ruas por onde passam todos os dias

“Você sabe onde fica a rua Duque de Caxias”? Pode parecer brincadeira, mas poucos capixabas conhecem a sua capital. É muito comum o turista chegar ao estado e perceber que ele, às vezes, é mais bem informado sobre as coisas do Espírito Santo. A Duque de Caxias, que um dia já foi a rua mais importante de Vitória, resiste em perder o seu prestígio para vias mais modernas como a avenida Jerônimo Monteiro e mesmo a Nossa Senhora da Penha ou avenida Vitória.

Quem tiver um pouco de tempo e atenção pode passar por ela hoje e se tocar com um pouco da história do estado. Casarões antigos permanecem intactos perto de novas construções. E com saudade, antigos comerciantes e freqüentadores lembram alguns momentos “gostosos da história daquela rua”. Hoje, reclamam eles, “ela pode ser conhecida como a rua do lixo”. Do número nove ao 305, quase tudo pode ser encontrado e até um comércio ambulante de papel velho se instalou no final da rua.

FRONT

Mas a rua continua fazendo História e foi ali no número 121, nono andar do Edifício Juel, que o magis-



Lojas e bancos funcionam no local

tério arquitetou as greves do ano passado e a operação-tartaruga que tanto desgaste causou ao Governo. Além de ter a sede da União dos Professo-

res (Upes), a Duque de Caxias não fica atrás de outros logradouros públicos e tem também restaurantes, caldo de cana, bancos, lojas de tecidos, colégio, floricultura, cartório e até a sede regional do IBGE.

A Casa Flora, primeira loja de flores da cidade, ainda permanece lá. Os anos são tantos que o neto do antigo proprietário (Armando, Ângelo Walsh) não se lembra da data de fundação do comércio. “Ela tem mais de 50 anos e a clientela mudou um pouco”, afirma Walter Walsh Monteiro (38 anos) que hoje tem clientes em outros municípios da Grande Vitória. “A nossa rua já foi mais freqüentada, agora tem muito lixo”, reclamou o dono do Café Balalaica, situado no número 305, Delson Braz.

Até os pastéis vendidos pelo proprietário do Caldo Lira, Antônio Araújo Lira (71 anos) se modificaram. Além dos tradicionais (de queijo, carne, bacalhau e camarão) ele vende também agora outros sabores como: banana, palmito, presunto, pizza e linguíça calabresa. Isso sem falar na modernização do negócio. “Tenho muita saudade do tempo antigo. Hoje ganha-se muito dinheiro e gasta-se além do que pode. Antigamente, o dinheiro rendia mais...”, frisou.

Rua antigamente chamava-se Ouvidor

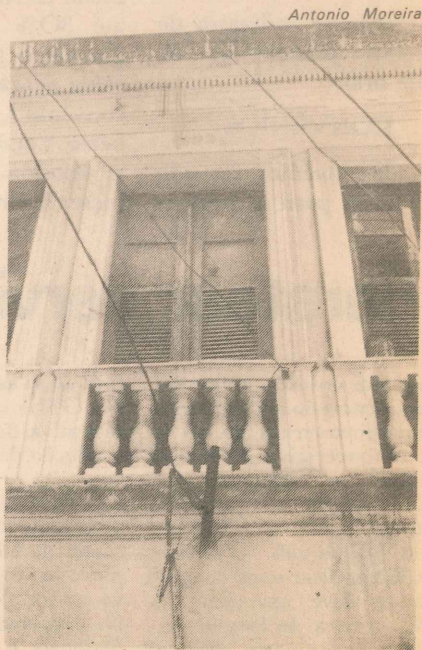
Um dia ela já foi a rua do Ouvidor e só mudou de nome, em 1872, para homenagear Duque de Caxias devido aos seus feitos na Guerra do Paraguai. Segundo Elmo Elton, em seu livro “Logradouros Antigos de Vitória”, a rua até anos recentes “não sofreu modificações sensíveis, ficou monarquicamente arcaica”. Ele lembra ainda que no número 90, dessa rua, em 1866, “quando a cidade ainda não contava com parterais diplomadas, estabeleceu-se na esquina da ladeira Sacramento a parreira Margarida Zanotelli, formada em Pávia (Itália)”.

As casas estabelecidas do lado direito, escreveu ele, “tinham quintais terminando à beira mar, daí chamar-se rua da Praia. Muito depois, com a formação da rua da Alfândega, posteriormente denominada de Conde D’Eu (atual avenida Jerônimo Monteiro) tais quintais desapareceram e alguns sobrados ganharam então fachada nova para essa última rua”. No seu livro, ele recorda ainda do Hotel d’Europe e da primeira fábrica de gelo, criada na rua em 1895, pertencente à firma Bytton & Freitas.

MERETRÍCIO

“Após ter gozado de certa importância no passado, a partir do começo deste século a Duque de Caxias tornou-se zona de meretrício, funcionando, no local, por volta de 1910, o Clube Ninho das Ninfas, freqüentado quase que exclusivamente por prostitutas e seus exploradores e também por embarcadiços”. Das pensões, informa Elmo, “a mais procurada era a Royal, de Madame Juju, já que nela se “faziam vida as raparidas de melhor aparência e asseio”.

Ainda hoje, o passado permanece vivo nesta rua. Quem não conhece por exemplo, o Salão Totinho, pertencente “ao falecido” Aristóteles Mota. Segundo o gerente do Salão, que hoje toma conta do negócio para a família, “todos os famosos donos de salão do Estado (Garcia e Queiroz por exemplo) aprenderam a profissão com ele”. Assim como a rua que resiste ao progresso, o alfaiate Vito Longhi (italiano nato) permanece em sua loja na sala oito do edifício Silva atendendo aos seus clientes. Ele acredita que sua profissão “estará extinta daqui a dez anos”.



Prédios antigos resistem ao tempo